



Os Amantes II,
René Magritte
1928

Óleo sobre tela
(54 x 73 cm) - Museum
of Modern Art (MoMA)

No último dia 6 de junho, foi aberta, no Masp, a exposição A Inusitada Coleção de Sylvio Perlestein. Nascido no Brasil, mas de origem belga, Perlestein, desde cedo, acompanhou pessoalmente jovens artistas plásticos, que, meio século depois, se tornaram ícones de uma geração. Com uma visão muito própria da arte, foi adquirindo aquilo em que o mercado de arte não apostava em tal ou qual época. Sua coleção resultou na tradução do melhor de cada vanguarda desse período.

Obras de Rauschenberg, Sol LeWitt, Jasper Johns, Salvador Dalí, René Magritte, entre outros, são alguns dos destaques. René Magritte nasceu na Bélgica, em 1898. Teve uma infância difícil: sua mãe suicidou-se por afogamento em um rio. Com três crianças, a vida da família foi sempre muito tumultuada pela instabilidade financeira do pai, sempre metido em maus negócios. Estudou desenho e cursou a Academia de Belas Artes de Bruxelas, de 1916 a 1918. Em 1926, produziu sua primeira obra surrealista. Hoje, Magritte é considerado um dos maiores artistas surrealistas de todos os tempos.

A obra *Os Amantes II*, apesar de completar quase 90 anos de idade, ainda gera muita curiosidade e adoração. Talvez pela forma como Magritte utiliza seu pincel, com uma perfeição acadêmica; talvez pelas imagens misteriosas nela representadas, o beijo dos amantes envoltos no tecido das relações sociais mais íntimas; talvez por seu tema atemporal: o amor. O quadro tem sido interpretado de muitas maneiras no decorrer dos anos. Uma delas considera os panos símbolos para o adágio de que “o amor é cego”. Outra é que Magritte, que sempre foi fascinado por filmes e fantasmas, pintava imagens fantasmagóricas em suas telas. Uma terceira interpretação é que as pinturas representam sua mãe, cujo corpo foi encontrado, por ele próprio, nu, às margens do Rio Sambre, com o rosto envolto em seu vestido.

Magritte garante o deslocamento do olhar com uma cena, ao mesmo tempo, estranha e intrigante. Traços perfeitos, perspectiva matemática, cores carregadas. A perspectiva da cena é garantida pelas linhas da parede e do teto, com friso. O fundo cinza é neutro, mas marcante, carregado, o que destaca a cena do beijo. O amor é cego ou não enxerga através das cortinas das relações? Existe algo dúbio na obviedade da cena: eles escondem seus rostos um do outro, dos outros ou de si mesmos? Pode-se enxergar muito pouco de alguém quando se está envolto na relação. Dizem que só conhecemos as pessoas quando os relacionamentos acabam. De qualquer forma, não se pode mostrar tudo ao outro, nem mesmo na intimidade, carnal ou surreal.

Embora influenciados pela psicologia, os surrealistas viram o inconsciente humano como um poço de criatividade, não um mistério a ser desconstruído ou resolvido. Magritte, ele próprio, não gostava de interpretações que depreciavam o mistério de suas obras e considerava seus quadros um “desafio do senso comum”, representando mais do que suas neuroses. Assim, talvez, como previsto, *Os Amantes II* conseguiu habilmente evitar qualquer desconstrução crítica e manter seu eterno e magnético mistério.

MILENNA CASSEB SARAIVA é artista plástica, designer gráfica e galerista. Formou-se em 2003 pelo Santa Monica College, na Califórnia, Estados Unidos, com um Bachelor em Fine Arts. Atualmente, representada pela The Peach Gallery em Toronto, Canadá, pela Gallery 1983 na Europa, e pelo Grupo New Creators em São Paulo, Brasil, comanda o Estúdio & Galeria Milenna, na Granja Viana, uma galeria de arte contemporânea.

